

Restolho

Um mundo fraturado

O homem está caído diante de si. Aos pedaços, sujeito a papéis sociais que nunca julgara poder vir a abraçar. Assim, enfrenta a tarefa de se recompor, de se restituir inteiramente a si mesmo na forma de um certa integridade física que a tentação do status acaba por espartilhar. Porque precisa de si inteiro para o êxito social e para entrar no novo na esfera da troca das mulheres.

A proliferação e crença no virtual, no digital, esconde uma verdade atemorizadora: a negação do real, ou a transliteração dele para os mais diversos registos de virtualidade cósmica, ou seja, a enumeração do digital enquanto instância de verdade, enquanto a sociedade, para se perpetuar, continua a firmar o real, tal como o costumamos ver, ou seja, desenrolado diante dos nossos olhos. Então, se o virtual não é o real, se o real deixa de perder o seu crédito, o seu valor de verdade, pela anulação do diálogo societal, então é porque o real desapareceu, afundou-se num buraco negro, extirpado da consciência volitiva do actor social.

Assim, com o advento do digital, duplicação do real, o homem vai do céu ao inferno em pouco tempo, como num jogo de futebol, como num jogo de sedução que ilude e faz superar os medos do actor social.

O mecanismo de reiteração de realidade, ou seja, da sua produção, multiplicação (como Cristo fez nas bodas de Caná), quera uma islusão de eternidade, de imortalidade, que leva à crença de que o homem é eterno devido não só à sua reiteração propriamente dita, mas a um regime de contemplação, onde já não só interessa apenas sobreviver, mas procurar a felicidade em coisas, fora do mundo das ideias, acostumadas ou novas, que o digital simula e proporciona. O real está, assim, em fuga, não só diante dos olhos no nauta mas também de si mesmo, em ebulição, quanto mais se reitera mais se gasta, maior é o seu valor de uso, assumindo-se como real devido a essa mesma reiteração, uso, usufruto.

A procura do real assume a forma de procura da parelha, nos regimes levi-straussiano, ou seja, eu vou, de galho em galho, procurar a tal, ou o tal, que aplacará todas as minhas necessidades físicas e psíquicas, mesmo em relação à sociedade, que não pondera nem bem ajuiza que um homem ou uma mulher estejam sós, que favorece a endogamia de grupo ao mesmo tempo que reforça a exogamia de lugar.

A filosofia actual desenha, então, essa forma estranha e contundente do desejo, ao serviço do Belo, do Volátil, do Estranho, porque o homem se farta a Si-Mesmo e vai perdendo identidade em relação ao que está para acontecer. Também o homem procura aprisionar o Belo, ou seja, é como a fábula ou rábula do burro e da cenoura, permite-nos avançar sem realmente a vir a possuir...

Victor Mota